

O OITAVO PÃO



"[1] *Naqueles dias, outra grande multidão se reuniu e, mais uma vez, o povo ficou sem comida. Jesus chamou os discípulos e disse:* [2] *‘Tenho compaixão dessa gente. Estão aqui comigo há três dias e não têm mais nada para comer. [3] Se eu os mandar embora com fome, desmaiarão no caminho. Alguns vieram de longe’.* [4] *Os discípulos disseram: ‘Como conseguiremos comida suficiente neste lugar deserto para alimentá-los?’.* [5] *Jesus perguntou: ‘Quantos pães vocês têm?’.* ‘Sete’, responderam eles. [6] *Então Jesus mandou todo o povo sentar-se no chão. Tomou os sete*

pães, agradeceu a Deus e os partiu em pedaços. Em seguida, entregou-os aos discípulos, que os distribuíram à multidão. [7] Eles encontraram, ainda, alguns peixinhos; Jesus também os abençoou e mandou que os discípulos os distribuíssem. [8] Todos comeram à vontade. Depois, os discípulos recolheram sete cestos grandes com as sobras. [9] Naquele dia, havia cerca de quatro mil homens na multidão. Após comerem, Jesus os mandou para casa. [10] Em seguida, entrou com seus discípulos num barco e atravessou para a região de Dalmanuta... [14] Os discípulos, porém, se esqueceram de levar comida. Tinham no barco apenas um pão." (Marcos 8.1-10, 14 – Nova Versão Transformadora)

Uma das coisas mais cativantes e que está presente nas narrativas do Evangelho, é a forma graciosa, altruísta, solidária, como o Senhor Jesus é retratado. Cristo nunca deixou de enxergar as necessidades vitais do ser humano e de perceber os sofrimentos das pessoas. O texto bíblico acima é um dos mais belos exemplos disso. Se prestarmos atenção, veremos que, em cada gesto de amor praticado pelo Senhor Jesus, estão implícitos ensinamentos voltados para todos nós. São os chamados “princípios do Evangelho do Reino de Deus”.

No contexto da passagem bíblica, o Senhor Jesus está prestes a partir da cidade de Decápolis (cf. Marcos 7.31), em direção as regiões de Dalmanuta ou Magadã (v. 10; cf. Mateus 15.39). Contudo, antes de seguir viagem, o Senhor Jesus se incomoda (v. 2) com o fato de que uma grande multidão – que o acompanhava fazia três dias – não tinha o que comer. Marcos fala em cerca de quatro mil pessoas presentes naquela ocasião (v. 9). Mas é possível que houvesse pelo menos doze mil pessoas presentes no local, uma vez que mulheres e crianças não eram contadas (cf. Mateus 15.38).

Ao perceber a realidade daquelas pessoas, o Senhor Jesus chamou os seus discípulos e lhes disse: “*Tenho compaixão desta multidão*” (v. 2). O termo “*compaixão*”, do grego *σπλαγχνίζομαι* (*splanchnízomai*), significa “*ser movido como pelas entranhas [órgãos físicos dos intestinos] da pessoa*”¹. Na época de Jesus a expressão designava o “centro das emoções”, exatamente como fazemos hoje com o vocábulo “*coração*”. Ela se caracteriza pela empatia em relação à adversidade alheia. **A compaixão dissolve o nosso egoísmo e anula a nossa apatia. Através da compaixão**

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 480, 598 p.

subjugamos as nossas indiferenças e nos tornamos “participantes” das dores e mazelas do nosso próximo. E como bem disse certa vez o pastor norte-americano Timothy J. Keller, “*nem todo mundo é nosso irmão ou irmã na fé, mas todo mundo é nosso próximo – e nós devemos amar o nosso próximo*”.

Movido pela compaixão, o Senhor Jesus disse aos seus discípulos: “*já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer. Se eu os mandar para casa com fome, vão desfalecer no caminho, porque alguns deles vieram de longe*” (vv. 2-3). A compaixão de Jesus pelas pessoas fez com que ele percebesse quatro verdades inerentes a todo ser humano, e que possuem correlação na atmosfera espiritual:

Em primeiro lugar, existe **a necessidade de alimento** – “*nada têm para comer*”. Alimento é toda substância que, introduzida no organismo, serve para nutrição dos tecidos e para a produção de energia. Todo ser humano precisa de energia para o desenvolvimento das faculdades mentais, físicas e espirituais. Figurativamente, Cristo é o nosso alimento, “*o pão vivo que desceu do céu*” (cf. João 6.51), a nossa maior fonte de energia, “*pois nele vivemos, nos movemos e existimos*” (Atos 17.28 – NVT).

Em segundo lugar, temos **a realidade da fome** – “*se eu os mandar para casa com fome*”. A fome é caracterizada pela urgência de alimento, causada pelas contrações do estômago vazio. Em termos espirituais, todo ser humano possui em seu interior um vazio que necessita de preenchimento contínuo. Cristo é o supridor permanente da nossa fome existencial, pois ele mesmo declarou: “*Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome. Quem crê em mim nunca mais terá sede*” (João 6.35 – NVT).

Em terceiro lugar, vemos **a possibilidade de estagnação** – “*vão desfalecer pelo caminho*”. O verbo “desfalecer”, do grego ἐκλύω (èklýō), significa “*deixar de produzir, deixar de atingir o objetivo*”². Todo ser humano desprovido de energia, de suprimentos, se torna inerte, paralisado, improdutivo. Cristo é nosso motor de propulsão. Ele é quem “*age em nós, nos dando o desejo e o poder de realizar aquilo que é do agrado dele*” (Filipenses 2.13 – NVT).

Em quarto e último lugar, há **o desgaste provocado pela jornada** – “*alguns deles vieram de longe*”. Toda e qualquer atividade gera gasto de energia. Todo ser humano tem, ao longo do caminho percorrido, redução da capacidade, enfraquecimento, cansaço. Cristo conhece bem a distância e as dificuldades diárias presentes no caminho que percorremos até a presença dEle e, diante disso, nos faz o convite: “*Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso*” (Mateus 11.28 – NVT). Por isso, em Cristo “*nunca desistimos. Ainda que nosso exterior esteja morrendo, nosso interior está sendo renovado a cada dia*” (2Coríntios 4.16 – NVT).

² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 551 p.

Em resumo, Jesus percebeu que aquelas pessoas possuíam carências biológicas, que servem como arquétipos da nossa carência espiritual, da necessidade que todo ser humano tem de ter o Senhor Jesus Cristo como sustentador de todas as coisas (cf. Hebreus 1.3). Como é bom sabermos que, mesmo quando estamos ocultos na multidão, cobertos pela carências e necessidades, Jesus nos enxerga. No meio da massa Ele nos vê como seres singulares e, por isso, trata com cada um de nós particularmente.

A análise mais apurada e detalhada do texto bíblico revela que o sentimento e a percepção dos discípulos eram bem diferentes aos demonstrados por Jesus. Diante da dura realidade diagnosticada por Jesus, os discípulos disseram: “*Onde, neste lugar deserto, poderia alguém conseguir pão suficiente para alimentá-los?*”. Repare que a pergunta dos discípulos a Jesus não foi: “onde, neste lugar deserto, [nós] conseguiremos pão suficiente para alimentá-los?”. O questionamento deles foi: “Onde, neste lugar deserto, poderia **alguém** conseguir pão suficiente para alimentá-los?”. Em vez do pronome definido “nós”, eles fizeram uso do pronome indefinido “alguém”, que não identifica ou define a identidade da pessoa e ainda permite ao locutor da frase, se eximir sutilmente de quaisquer responsabilidades. Os discípulos reconheceram o problema, mas não se interessaram em fazer parte da solução. Esse tipo de mentalidade é bem comum em nossos dias e faz parte do pensamento dominante da maioria das igrejas evangélicas. **Fazemos parte de uma geração extremamente discursiva – principalmente em ambientes virtuais – mas com pouco relevância prática. Cultivamos uma aparência na coletividade que não condiz, de fato, com a realidade da nossa essência na individualidade.**

A estranha atitude dos discípulos, em questionar Jesus sobre onde ou como alguém encontraria comida para toda aquela gente, demonstra clara desconexão entre a fé que professavam diante de Jesus, e a real crença deles diante de situações difíceis, ou até impossíveis. Há duas possibilidades para os discípulos terem agido dessa forma. A primeira é que eles esqueceram o milagre da multiplicação de pães e peixes realizada recentemente por Jesus, para uma multidão de pessoas vinte por cento maior (cf. Marcos 6.34-44). Algo até certo ponto natural em nossa vida. Quantas vezes nos esquecemos completamente de várias ações de Deus em nossa vida ou através dela? Até mesmo milagres? Quantas vezes nós professamos uma qualidade de fé que nunca se materializa em meio às diversidades? A outra possibilidade é que os discípulos até lembraram da multiplicação realizada entre os judeus, mas consideraram que tal milagre não se repetiria entre os gentios. Não é raro o pensamento equivocado de que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus, são restritos aos evangélicos, dentre os quais, muitos se consideram os latifundiários das bênçãos de Deus.

Mesmo sabedor de que somos maus por natureza (cf. Mateus 7.11), o Senhor Jesus insiste em nos fazer seus cooperadores. Cristo não precisa de nós. Ainda assim, deseja a nossa presença e participação. Mas isso não é por causa de nós, e sim, apesar de nós. No texto bíblico (v. 5), o Jesus já havia decidido repetir o milagre da multiplicação dos pães e, como ocorreu da primeira vez,

ele quis a participação dos seus discípulos para a realização do milagre. Por isso, lhes perguntou: “*Quantos pães vocês têm?*”. Como resposta, eles disseram: “*Sete*” [guarde esse número]. Separar o pão, o básico, o natural e colocá-lo à disposição, foi trabalho dos discípulos. Realizar o impossível, o improvável, o sobrenatural, foi função de Jesus. Em nossos dias, o Senhor Jesus continua a agir da mesma forma. Ele continua com o coração decidido a realizar milagres, de agir forma impactante na vida das pessoas. Também como ocorreu no passado, Jesus permanece com o interesse em ter a participação dos Seus discípulos no processo. Por isso, continua a lhes fazer a mesma pergunta: “Quantos pães vocês têm?”, isto é, “Quanto vocês têm de básico, de natural, de matéria-prima, para a realização do milagre?”. A diferença é que, nos dias atuais, os discípulos de Jesus somos nós.

Na sequência do texto bíblico, “*Jesus mandou todo o povo sentar-se no chão. Tomou os sete pães, agradeceu a Deus e os partiu em pedaços. Em seguida, entregou-os aos discípulos, que os distribuíram à multidão. Eles encontraram, ainda, alguns peixinhos; Jesus também os abençoou e mandou que os discípulos os distribuíssem. Todos comeram à vontade. Depois, os discípulos recolheram sete cestos grandes com as sobras. Naquele dia, havia cerca de quatro mil homens na multidão. Após comerem, Jesus os mandou para casa. Em seguida, entrou com seus discípulos num barco e atravessou para a região de Dalmanuta*” (vv. 6-10).

Durante a viagem para Dalmanuta, os seguidores de Cristo perceberam algo importante. Apesar de terem recolhido sete cestos grandes com as sobras dos pães, “*os discípulos se esqueceram de levar comida*” (v. 10) para a viagem. Eles não trouxeram nada daquilo que foi multiplicado por Jesus. Contudo, o texto bíblico afirma que, mesmo assim, os discípulos “*tinham no barco apenas um pão*” (v. 10). Sendo assim, em vez de sete pães, os discípulos de Jesus tinham oito pães no total. De maneira que, no momento em que ofertaram os pães, eles retiveram um pão – o oitavo pão. Seja por medo de entregar todos os pães e ficar sem nada, ou por não acreditar que o milagre da multiplicação pudesse se repetir, o fato é que a entrega feita pelos discípulos foi parcial, fracionada, incompleta.

Para nós, é muito fácil entoar o cântico “*Tudo Entregarei*” (cf. Hino 295 do Cantor Cristão). Porém, quando analisamos a nossa praticidade de vida, constatamos que na maioria das vezes tudo não passa de verbosidades vazias de conteúdo e sem sentido prático. Gostamos de contemplar a entrega daquilo que está nas mãos dos outros. Mas ao mesmo tempo, ocultamos a totalidade do que está em nossas mãos. **Apreciamos a oferta de vida dos outros e não a oferta de nossa vida para os outros.**

A primeira multiplicação dos pães foi feita para os judeus. A segunda multiplicação ocorreu no território dos gentios. Na primeira, os discípulos “se preocuparam” com a multidão que estava faminta, mas só porque era judia. Na segunda multiplicação, por se tratar de gentios, os discípulos queriam que “alguém” se importasse com eles. Da mesma forma, ainda que inconscientemente, a maioria de nós é tentada a se importar apenas com as pessoas que são próximas a nós, que pensam da mesma maneira que nós e mantêm os mesmos gostos e desejos.


Por causa da nossa incredulidade (os discípulos já tinham visto Jesus alimentar multidão ainda maior com apenas cinco pães e dois peixes, cf. Marcos 6.34-44) deixamos de atender plenamente os convites que Jesus nos faz. Temos medo de que, se entregarmos tudo a Jesus, algo vai nos faltar, que deixaremos de viver uma vida plena e livre. Na maioria das vezes, de tudo aquilo que Deus nos dá, nem mesmo a mínima parte é ofertada a Ele. Tome como exemplo o nosso tempo cronológico. O dia tem 24 horas. O dízimo disso são 2h24min. Agora responda: Quantos de nós dedicam esse tempo diário a Deus? Infelizmente, na mente de muitos cristãos, uma vida compromissada com Deus é sinônimo de escravidão, privação de alegria e isenção de prazeres.

Confiar em Deus e se entregar integralmente a Ele. Esses são exercícios de vida que precisamos aprender a fazer. Costumeiramente nós cremos em um Deus “equivocado”, que em alguns momentos deixa de tomar a melhor decisão. Alguns de nós se acostumaram a dar “ideias” a Deus, como se ele não soubesse o que fazer, quando fazer e como fazer – para comprovar isso, basta analisarmos o conteúdo das nossas orações. E mesmo quando nos ajuntamentos solenes, presenciamos a multiplicação do agir de Deus na vida das pessoas, desperdiçamos as sobras (v. 8). Voltamos para casa sem nada daquilo que foi multiplicado (v. 14). E ainda temos a petulância de dizer uns aos outros que deixamos de ser abençoados por Deus. A lista de exemplos desse fato é grade: Deixamos de ler diariamente a Palavra de Deus e depois culpamos Deus por não termos uma direção clara do que fazer. Deixamos de passar um tempo de qualidade orando a Deus e depois ainda O culpamos por não sentirmos a Sua presença.

Jesus, por causa de sua compaixão pela humanidade, mantém o desejo de operar maravilhas em nós e, principalmente, através de nós. Por isso, diariamente ele nos faz as seguintes perguntas: “Quantos pães vocês têm? Que quantidade de matéria-prima para o milagre vocês estão dispostos a ofertar?”. Qual tem sido a nossa resposta? Onde está o nosso oitavo pão? Aquele que a gente não entrega nas mãos de Deus? Aquele que a gente não compartilha com quem tem menos, ou com quem não tem nada? **Por amor, ou talvez por misericórdia, o Senhor Jesus aceita a parte da nossa vida que ofertamos a Ele. Mas Ele sabe – e nós também – que tudo não passa de uma devoção parcial, incompleta e, na maioria das vezes, superficial.**

Comumente deixamos de atentar para o fato de que pão retido não se multiplica. Mas também não impede o agir de Jesus. Contudo, o egoísmo nos exclui como participantes de sua ação. Hoje é o tempo de colocarmos toda a nossa vida, todos os nossos “pães”, à disposição de Jesus. Inclusive, o nosso oitavo pão.

Soli Deo Gloria.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 25/06/2018, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.